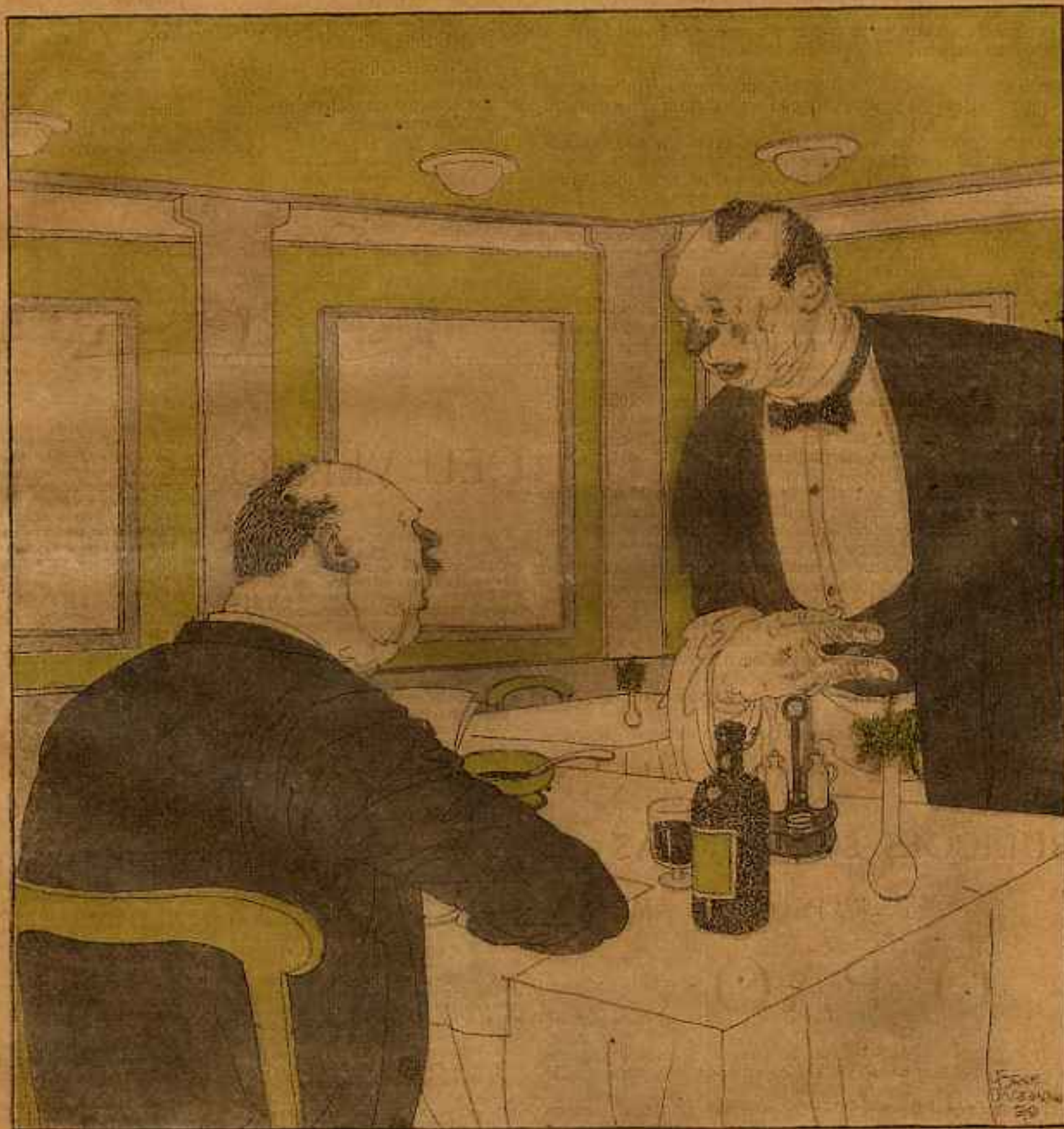


LISBOA  
30-NOVEMBRO-1919  
ANO I-N.º 7

# O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES I  
JORGE BARRADAS  
HENRIQUE ROLDÃO

## NO RESTAURANT



— Traga-me uma posta de bacalhau sueco!  
— Sueco não há. Só temos do guano!



# O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: TRAVESSA DO CORPO SANTO, 9  
IMPRESSÃO: RUA DO MUNDO, 37  
NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
CAIS DO SODRÉ, 52  
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL  
TELEFONE-C: REDACÇÃO 5104  
ADMINISTRAÇÃO: 5103

## A CORDA...

Pediram-nos há oito dias por um par de botas vinte e três mil réis. Achámos caro e não comprámos. O frio apertou, a chuva caiu, e nós resolvemos passar uma semana sem comer e comprar as botas. Quando ontem entrámos na sapataria o preço das botas era de vinte e sete escudos.

— Os operários (dizem os patrões) trabalham menos e ganham mais!

— Os patrões (dizem os operários) não trabalham nada e ganham tudo!

Não podemos comprar as botas e também quâs que não almoçamos porque as comidas também aumentaram.

Toda esta luta entre operários e patrões faz-nos lembrar aquela luta chamada de atracção em que dois grupos puxam por uma corda e sai vencedor aquê que leva o outro de cambalhota.

O exemplo parece-nos que não é infeliz mas faz no caso exposto uma pequena diferença. É que a corda um dia rebenta e caem os dois! A *Liberdade*, o *Trabalho*, a *Razão* puxam dum lado, o *Dinheiro*, a *Fôrça*, o *Bem-Estar* puxam do outro. A corda estica, tensa-se porque os dois adversários são de fôrça, mas um dia a corda tarta de ser esticada... rebenta e enfão... nós, os que não podemos exigir horários de trabalho nem mandar fechar a fábrica, nós que não podemos pedir aumento nem aumentar os preços, nós que somos os eternos sacrificados, que nos voltamos para os operários e chamam-nos burgueses e parasitas porque trazemos as botas engraxadas e as unhas lim pás de que nos voltamos para os patrões e nos chamam malandros porque dizemos que o ordenado não chega para a renda da casa, nós que não cantamos a *Internacional* nem vamos para *Moasanto*, talvez que julgemos chegada a hora da nossa vez e então... havemos de falar!...

A corda vai-se esticando, aqui e ali já se ouvem os estalidos de que está próxima a ceder, há-de rebentar por fôrça, e nessa altura, os que não podem fazer greve nem vendem lenha ou feijão branco, os que não vão para a *balota* beber champagne em nome da burguesia, nem para as tabernas beber vinho, em louvor do proletário, os que trazendo o colarinho mal engomado ficam sem emprego, e que trazendo-o limpo são tidos como burguezes, nessa altura dizemos não de aproveitar o rebentar da corda para também molhar a sôpa, e tirar o deslôrço de toda essa luta alheia que os arrasta ás noites sem sono porque o arroz subiu ou porque os operários não querem fazer as botas a menos de dez mil réis por dia!...

Há de rebentar a corda e então... será a nossa vez, a vez das verdadeiras vítimas de tudo isto!...

E agora vão dizer que estamos vendidos á Rússia ou somos reaccionários!...

Foi o caso que andando a dita Rainha a dar rosas aos pobres, chegou o referido Rei e perguntou o que era aquilo. Os pobres que não queriam comprometer a Rainha responderam-lhe:

— É pão! — como poderiam ter dito: — É uma gaita!

Vai daí o D. Diniz que era lavrador, descobriu logo uma maneira de lançar novo imposto e decretou que todos comessem flôres e lhes chamassem *pão*.

Seguiu isto durante muito tempo até que ha coisa de 10 anos como não houvesse flôres o governo pensou fazer o *pão* artificial e para isso mandou vir os seguintes ingredientes: Serradura, lixo, trapos velhos, palha de Abrantes, gesso de Portimão e Castanheira de Moura. Mandou misturar tudo com uma data de buracos e fez essa coisa que para ai se come.

Entre outras particularidades, o *pão* também tem servido para muita gente se governar.



## CÉU VELHO

Por VULCANO.

Pois, senhores, desta vez é que os nossos créditos se vão por água abaixo.

Há perto de um ano, sem uma revolução, uma zaragata, uma serradura, emfim, com seis duzias de vítimas no hospital e três colunas de prosa no *Diário de Notícias*!

Temos o inverno a porta. Já as madamas reclamam abafos de luxo, com gaudio dos peileiros e desespero dos maridos e já nas ruas começou a prostituição das castanhas assadas que se vendem ao transeunte paceto em lotes de vintem, oito.

Pois com o frio a enregelar-nos os ossos e nem isso os estimula a uma revoluçãozinha para aquecer!

E a novidade dos tranlitos de borracha? E a «gracinha» dos canhões da Guarda Republicana? Tudo inutil. Fômos ha dias visitar a Rotunda.

A pobrezinha está inconsolavel. É pergunta, coisa de razão, onde se encaixaram os fusos agurrados, que monotonia e esta de correrem semanas inteiras e as peças sem disparar, os cavalos sem comer, os ministros por prender e a Morgue por atulnar?

Mas olhem que não é só nos revolucionários políticos que impera o desalento e a inercia. Nas proprias rixas familiares não se obriga coisa de vulto.

Itaro parece uma sogra que vaze um olho ao genro com um galleteiro, um marido esturrado que quebre a cabeça á fema com uma maquina de costura, um padrao de maus ligados que atire com a esteada pela sacada fóra; emfim, uma manifestação de virilidade que dê azo e justificação á estrofe entusiástica do poeta:

«Brade a Europa á terra inteira  
Portugal não perece!»

E já que não conseguimos evidenciar ante os outros países doutra fôrma, ao menos — que olábul — respellem-se as tradições e venha tudo de cambalhota até ao Rocio a dar vivas a outros que não sejam estes, cas o Carmo da Guarda Republicana e a Trindade da bomba, do tranlito e do canhão — com quarenta e oito horas de balburia.

«em automóveis da Cruz Vermelha e seis quartelões de feridos, arranja-se um pé para o nosso compadre levar no domingo seguinte a mulher e a filha a ver os estragos das granadas: a noiva lama reabilita-se, a *Ilustração Portuguesa* três bonecos e verão que a propria Liga das Nações narra a agonia muito mais que até agora.



## QUE DESALENTO!...

Que triste é qu'rer ter graça e não ter sal porque nos doe um caso ou doe um dente! Que triste é querer ser casto e, afinal, sair um libertino, um indecente!

Mas dêste meio ambiente é que é o mal por isso que a donzela, actualmente, assim como a formosa horizontal só usa a fina tela transparente!

E até o bom tranlito me procurou, naquêl vozirão forte do macho que na mais rija pedra se tornou:

«Eu quero já saber, *seu mamarracho*, se, andando as mulheres's suas como eu'voto, não posso, também, ir lá para baixo!»

CONDE ARTOFF.

## ERUDIÇÕES SCIENTÍFICAS

PELO DR. AMPOLA

## O PÃO

O *pão* é uma substância da familia dos farin'ceos que tem as seguintes particularidades:

Muda de cor quasi todos os dias indo do branco retinto ao preto carvão.

Tem os seguintes feitios. De fôrma torcida, conhecida pelo nome de *rosca*. (Esta fôrma é a que dá menos trabalho a fazer e a que mais se consome. É muito usada para uma préca). De *blec*, em fôr-

ma de chapéu móle e de *cacete*.

O *pão* varia de peso com grande facilidade.

Por exemplo: a gente compra um *pão* de quilo numa padaria e se o pesarmos em casa acusa só 750 gramas.

Sôbre a origem do *pão* posso dizer o seguinte:

Quem inventou o *pão* foi a Rainha Santa Izabel casada com o rei D. Diniz.



NA PAPÓNIA

O RISO DOS OUTROS

PREMIÈRES

Monstruoso atentado contra o Papa Gaio II

por ALFREDO ABRIL.

Quando ontem entrava em casa com a chave na algibeira, encontrei um telegrama que dizia:

«PAPÓNIA, as 27—O Papa Gaio II foi alvejado por uma caçarola atirada dum 5.º andar. O assassino por-se a andar.»

Fiquei assombrado. Este telegrama tão lacónico, mas que tão grande fatalidade annunciava, vinha assim avisar o mundo que mais um infame atentado, talvez bolchevista, tinha sido levado á prática nas longínquas regiões da Papónia, que fica situada, geographicamente falando, entre o paralelo 28 e o paralelo 29 e paralelo ao mapa. Para explicar melhor, diremos que fica mesmo a esquerda do eixo da terra.

Mas para onde se caminha pelo mundo com esta agitação constante? Não, isto tem de totalmente entrar nos eixos!

O Papa Gaio II era o que se chama um grande Papá, um autêntico papão, era de lá muito chefe de estado e até o tinha sido do estado interessante de sua própria mãe. Tinha estado muito tempo no estado vizinho e vinha em estado de saber estar á mesa, cantar, contar, fumar, etc.

Soubéra desde o começo do seu reinado, reinar com uma certa animação, o que fazia rir e viver com gosto os seus subditos que se chamavam galatos por serem governados por Gaio. Rodara-se de grandes ministros, entre os quaes, por ser o mais illustre, citarei o Bispo do Poço, que nasceu no Poço do Bispo, numa manilha de nevoceria, numa ocasião em que a mãe estava a esperar do rei. Sebastião. Estabeleceram-se no Reino com uma fábrica de beatas, que mandava apunhar pelos cantos das ruas e nas salas dos teatros. O pai que ninguém sabia quem era e morava na Graça, atirava graças em cometa na certidão de idade do filho com o nome de incógnito. Tinha uma loja de castanhas, isto é, ensinava a castar por preços módicos o que lhe deu fama e alguns cobres que trocou mais tarde em pedras. A mãe entretinha-se nas horas vagas a olhar para as vizas e a vender mangas; isto é, mangas va com toda a gente o que lhe valeu varias cartarias, bolatadas, pontapé, pontabotas. Certo dia mandou o filho Bispo para a Papónia, onde sem o saber, o seu saber foi aos ouvidos do Papa Gaio II que immediatamente foi aos arames telegráficar e logo o fez ministro em Péz. Mais tarde foi administrador de concelho, depois presidente do conselho onde deu variados conselhos até a quem não precisava d'elles. O Papa Gaio II era o seu íntimo amigo. O Bispo chamava ao Papa, papa, e o Papa mandava-lhe papas quando estava doente.

Agora, assim se lá perturbar pela caçarola dum bandido, a paz, a harmonia e o benestar da Papónia, atentando contra a vida dum dos mais novos e illustres chefes de estado que tem estado no poder. Era uma criatura intelligente, estudara com uma certa habilidade, cursara astronomia e descobrira astros no céu azul e borbulhas no céu da boca. Era que por esta forma monstruosa se terminava um papado, e desapparecia um papa que tinha violado tanta coisa, pois tocava viola admiravelmente.

POSTA RESTANTE

Idalina Vidal—O metro é grande demais, Fernando Alvaro—A' nova costa, reclamares só pagos.

J. Silva Machado—Veja o que se diz a Idalina Vidal.

Carlos R. Coimbra—Agentes certos muito mas a ideia ja ca existe e dunta forma que isto pode calcular.

Kil Wood—O primeiro não rima, por isso nada vale, o segundo é indecente e o Riso da Vitória é bem educado.

José Maria Teixeira—Vá aprender a ler.

José Gonçalves Felipe—Que gracinha!... Se não sabe fazer mais nada, dê um tiro na cabeça.

G. M. Fernandes—Vá aprender um ofício, que para estas coisas não nasceu.



A' uma hora — ás duas — ás três — ás quatro.

(Da Gazeta de Zurich).

UMA VISITA AO BATOTA-CLUB

(CARTAS DUM FORASTEIRO)

Meus filhos

Eu ouvia falar há muito tempo nos Clubs. Pensava que fosse para ali uma coisa chela de pouca vergonha e por isso tinha medo de lá ir. Mas ontem andei todo o dia á procura de um maço de cigarros sem encontrar e um sujeito é que me disse que se eu queria tabaco fosse a um Club que lá é coisa que nunca falta. Enchi-me de coragem relei, e lá fui a um que me disseram ser dos primeiros. Logo á entrada uns porteiros tiraram-me o chapéu e chamaram-me V. Ex.º. Subi ao primeiro andar e vi uma grande sala cheia de mesas, com muitas pessoas a beber cerveja e ao fundo uns homens vestidos de encarnado a tocar música e a baterem com os pés e a berrar. Perguntei o que era aquilo e disseram-me que era alegria. Acreditei e puz-me a olhar para uma senhora que lá estava quasi completamente nua e com uns penachos na cabeça. Disse-lhe: muito boa noite, e ella por resposta mandou-me a uma parte que eu não fui porque na ocasião não tinha vontade. Explicaram-me depois que aquella senhora era uma cocóte cara e que ali dentro fala-se ás mulheres do seguinte modo:

Para a convidar para comer mostra-se uma fixa de dez mil réis, para conversar, uma fixa de vinte, a sorrir para a gente outra fixa de cem, e por isso é que lhe chamam a elas umas gajas fixas.

Eu respondi que não sabia o que eram fixas e o meu informador levou-me então a outro andar, onde havia uma grande porção de mesas cheias de números, com uma espécie de alguidar ao meio, e então vi que as tais fixas são umas coisas que parecem botões de casaco, de varias cores. Fiquei também muito admirado de vêr lá uma grande porção de moedas de cinco tostões em prata e cá fóra não haver senão em papel, e elle então

explicou-me que aquilo das moedas fóra o governo que, como não tinha grande confiança nos Bancos, mandára as moedas para os Clubs para estarem mais bem guardadas.

Notei também que ali todos são malereados mas ninguem se zanga. Ouvi um homem dizer: O senhor perdeu a linha! e tudo ficou na mesma, daí a bocado outro disse: Rua! e ninguem saiu, e mesmo ao pé de mim quando um homem disse cavallo ia havendo pancada porque um dizia que era elle e outro dizia que também era.

Procurei os tais cigarros e logo um menino muito bonito me apresentou uma bandeja para eu escolher. Tomei um maço de Lisboaetas e quando ia a dar um tostão o tal menino disse-me: Custa cinco coróas! Creio que perdi os sentidos porque quando acordei achei-me estendido no meio da rua cercado por uma porção de sujeitos que diziam:

—Coitado! Naturalmente ficou de tanga!

Apanhei um grande susto porque pensei que me tinham tirado o fato e fugi para casa.

São muito divertidos os tais Clubs.

Vosso pai,

ADÃO.

P. S.—Tem havido muita falta de açúcar e dizem que as formigas andam por cá muito danadas.

A.



A caçarola n.º 15 ou 17 mostra ante está a juca. No cinema.

A peça é muito complicada, ao entanto vamos fazer o possível por explicar.

Em casa da D. Laura, a Juleta e o Diniz andam a dizer cousas pelos cantos. A D. Laura que não é dessas apatear e diz-lhes que ja que fizeram aquella ameira o melhor é casar. Vem uma grande porção de gente e o Senhor Conde diz que desce que fala com os espiritos esta mais gordo e todos lhe pedem para fazer uma experiência. Então a D. Lucinda diz a gente que é mãe de Juleta (nem que nós não saibamos que é avó!) e fecha-se a luz, hez tudo ás escuras a fingir que é um animatógrafo e só se ouve a D. Lucinda que conta um combóio com muita perfeição.

O Senhor Conde pergunta-lhe então o número da sorte grande, e quando ella lhe vai dizer ouve-se um grito, o senhor Diniz dá a luz e apparece um homem morto e que todos fastimam com convicção.

No segundo acto, o homem continua morto e toda aquella gente está muito triste, excepto uma menina que anda sempre a dizer gracinhas para a gente se rir.

Nisto entra um policia de casaca (na America os policias andam todos de casaca) e quer por força saber quem matou o cadaver. Pergunta ao morto, mas elle não responde, porque ja morreu e então teem que ler a D. Juleta. Ella diz que nunca matou uma pulga, mas elle teem, propo uma descompostura na tal menina das gracinhas e diz que a D. Lucinda é uma bruxa, mas que vai ver outra. A sala ficou roxa de medo e o pano de boca desmaiou com susto.

No terceiro acto, anda tudo á procura duma faca, mas ninguem a encontra.

O senhor Robles que continua a ser policia quer por força que a Juleta a tenha escondida e manda tudo para a apaladearra. (Esta scena não se vê e é pena). Então a D. Lucinda que está frita olha para o teto como quem quer ver passar um aeroplano e diz que está lá a fazer.

Apparece um boneco de estampar numa porta e o Judivious que tem estado sempre calado, manda pôr os cabrios em pé e confessa que foi esse o grande malandráo. A faca que já está frita de estar de capeco para baixo, deixa-se cair e vem matar uma mesa que não fez mal a ninguem. A D. Lucinda diz ao policia que vá aprender outro officio. A menina das gracinhas acorda, a D. Juleta agarra-se ao senhor Diniz e na sal muito danado, dizendo: Aquelle Diniz sempre tem uma setrê!...

BOCCIO.



D. SEVERA CARACOLES

Após prolongado sofrimento, falleceu a semana passada a célebre gata Severa do nosso colega Os Riaticulos.

A' enlutada familia e a todos os seus amigos e donos, envia O Riso da Vitória os mais sinceros votos de sentimento.



# PÃO NOSSO DE

## REVISTA DA QUINZENA 'CRÓNICA'

Anuncia-se para breve uma nova revolução. Desta vez são quatro os pretendentes ao trono: Os sidonistas, os monárquicos, os socialistas e os bolchevistas. Não safu ainda o bando a anunciar, não se afixaram cartazes mas, como nas réclames ou corridas à porta fechada, toda a gente sabe e cada um já tem escolhido o seu lugar para assistir à luncção.

A actividade é espantosa. Uns exercitam-se no tiro ao alvo, outros carregam bombas e ainda outros dão os últimos toques nas leis a pôr em execução logo que atingam as culminâncias do poder.

Pelo seu lado o pacífico civil, que constitue os outros dois terços da população, armazena viveres, instala-se em casa de parentes que moram nos suburbios ou cumorimenta com mais assiduidade os seus vizinhos da cave, refugio das horas incertas do *pim-pam-pam*. Há já três dias que não sai à noite. Comprou um baralho de cartas para paciências, uma tranca para a porta e azeite de segunda para alumiar o Senhor dos Passos. Quando a mulher lhe revela as suas apreensões, encolhe os ombros, põe os olhos em alvo e diz com fé christã: seja o que Deus... e eles quizerem!

Nos cafés distribuem-se as senhas aos grupos.

Há piscadelas de olho intencio-



nais e misteriosas. Pelas esquinas segreda-se: é amanhã ou depois. Uma janela que bate é um susto; um pneumático que rebenta é uma lesão cardíaca. Chega-se a desejar que a coisa rebente, para nos tran-

quilizar. Dá-se o que eles pedem, o que eles querem, contanto que nos tirem desta ansiedade, desta incerteza mil vezes pior que os duelos de artilharia com que se disputam as fôfas poltronas do Terreiro do Paço e os magnificos automóveis do P. A. M.

O Pacífico diz que é breve. Quando ontem entrou em casa às oito da noite, pálido e trémulo, a esposa perguntou-lhe: — então que há? Pacífico olhou em volta para se certificar de que estavam sós e segredou-lhe ao ouvido: — Parece-me que vamos outra vez mudar de donos.

A eloquência de Cambrone foi há dias suplantada em S. Bento por um ilustre pai da Pátria que reuniu numa só palavra e com grande potência de voz, o melhor discurso que até hoje se tem pronunciado a dentro daquêlas vetustas paredes.

As galerias manifestaram-se. Os deputados que estavam de acôrdo conservaram-se de pé, tendo-se sentado grande número em sinal de protesto. Nos Passos Perdidos andou aquilo de boca em boca e os humoristas dedicaram-lhe colunas de prosa e verso.

Conclue-se que ninguém percebe esta gente. Se eles não falam e porque não tem competência. Se falam muito é para deitar poeira nos olhos. Se são bre'es e expressivos chamam-lhes malcreados. Suz ex.\* — na minha ilustre opinião — não fez mais do que interpretar o sentir do povo, que representa, e o povo, na sua linguagem simples e rude, é o que diz em sinal de protesto quando lhe pisam os calos da paciência ou lhe cantam as lóas da pacificação.

Os taquigrafos, coitados, é que se viram a perros para fixar o discurso no papel. Nenhum deles sabia o sinal gráfico de semelhante palavra, e quando ela se pronunciou entreolharam-se embaraçados. O mais velho, — ou o mais habil — remediou o mal ordenando rapidamente: — ponham um boneco, e desde essa hora a taquigrafia foi enriquecida com mais um rabisco que pelos modos vai ter de ora ávante tanta aplicação como os r na letra de fôrma.

Para fazermos uma ideia aproximada do que vai pela Rússia bastou-nos ver um só d'aqueles bailados da Companhia de Ana Pawlowa. Aquêlo povo, pela segurança e harmonia dos seus movimentos quando se mete em danças deve levar a palma aos bailarinos da lenda, que só pararam ao segundo toque da trombeta de Jericó.



### O VENDEDOR—Cá está a noia!

As mulheres vóam, os homens saltam como pélas, mas tudo isto tão disciplinado, tão cheio de ri-



mo, tão harmónico, que nos dá a impressão que temos feito até hoje uma errada aplicação das pernas cultivando de preferência os cére-

broz incapazes de cometimentos daquela natureza. Não andarão errados os russos confiando o destino do seu país a homens de talento? Não valerá mais uma piruetta do que uma ideia, ou um movimento coreográfico não suplantará um movimento revolucionário?

Parece que sim, e, nessa ordem de ideias achamos bem que Lenine e os seus adeptos resolvessem pôr a Rússia de pernas para o ar.

Entre nós, infelizmente, a dança, — como a batata — é pouco cultivada, porisso se nos obrigarem a essa incomoda posição resta-nos a eterna pergunta que até hoje não teve resposta: pernas, para que vos quero?

A minha querida leitora recorda-se do penultimo eclipse do sol? Recorda-se com certeza.

Tinha eu sete anos e lembro-me perfeitamente de que foi um successo.

Por toda a parte velhos e novos, fidalgos e plebeus, empunhando o vidrinho previamente fumado á



# DE CADA DIA...



a nova lei das oito horas de trabalho!

châma da vela, esperavam ansiosos, de nariz no ar e relógio na mão ao primeiro contacto. Quando a terra entrou na sombra houve um fremito de espanto e os corações bateram apressados pela grandeza do



fenómeno e a maravilha do espectáculo. Os animais também se não quedaram indiferentes. Os galos cantaram, vacas e bois, julgando que era noite meteram-se na cama e os guardas-noturnos vendo estrelas no céu gritavam pelas ruas: lá vai!

Em face de tão grande sucesso, o astro-rei anunciou uma *repris* que teve lugar no sábado; mas oh decepção, a casa estava às moscas e, por muito réclame que lhe tivessem feito, ninguém lhe ligou

importância. Realmente o sol, ou não sabe o que por cá vai, ou fiou-se demais nos novos-ricos. Nesta altura, o antigo Zé que noutros tempos andava a olhar para os astros, tem cá por baixo outros eclipses que interessam mais. Há o eclipse do açúcar que desembarca às toneladas e entra na penumbra dos armazens para sair na sombra a 2\$50 o quilo. Temos o eclipse da manteiga que se vê através dos vidros das montas nuns letreiros que dizem que não há, sabendo perfeitamente que ao primeiro contacto de 3\$50 com as mãos do merceiro ela escorrega cá para lá como se tivesse vaselina. Isto não falando noutros eclipses que nos fazem ver as estrelas ou desaparecer o gado e os galináceos que aproveitam o escuro para se rasparem para o estrangeiro.

Amigo sol: em matéria de iósquinhas tens que comer muito pão para chegares aos calcanhares da nossa electricidade. Essa sim, é cada eclipse total... que a noite ao pé d'ela é uma criança.

Dizem os jornais que o governo adquiriu oito cruzadores com que pretende presentear o nosso país das colunas. Achamos bem.

Na verdade, sendo nós um país de navegadores era de lastimar que não tivéssemos, em matéria rítmica, mais do que o Alto de Santa Catarina para ver os navios dos outros. Se no outro mundo é permitida a leitura dos jornais, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Diogo Cão e todos os que tiveram a inte-



liz ideia de viajar por conta do Estado devem estar satisfeitos. E até apostamos em que o grande Afonso de Albuquerque se voltou para o Camões e lhe disse:

— Vê você, compadre!? Isto é que é sorte! No nosso tempo os navios eram de pau e pano! Agora são de ferro e logo aos oito de cada vez! Se eu soubesse era republicano! Sim, realmente para um país que está a dois passos da bancarota e sem esperanças de fundilhos salvadores, a compra dos navios representa algo de enorme.

Mas... há aqui uma coisa que não percebemos bem. Para que diabo são precisos os tais cruzadores?! A guerra já acabou, parecemos que não estamos mal com pessoa alguma das outras nações... Só se são por causa da célebre quadrilha dos *Filhos da Noite*! Enfim, o governo explicará e nós acreditaremos, mas já que estamos com a carinha na água sempre diremos que os 6:200 contos que o país vai gastar na compra dos *buques* podiam muito bem deixar de sair do país. Pois não temos nós aí esses valentíssimos couraçados do amendoim? Se o governo os comprasse protegeria assim a indústria nacional e, com certeza, ganharia na troca, porque estes ao menos sempre servem para alguma coisa.

A novidade desta semana foi a greve dos cozinheiros. Em matéria de greves foi esta a primeira que seriamente nos atrapalhou. Para a dos eléctricos ainda nós tínhamos as pernas, para a das águas ainda havia a chuva, para a da iluminação ainda se compravam velas, mas para esta dos bichos de cozinha é que não havia remédio possível.

A nossa erudição culinária não vai além duma posta de bacalhau assado e da água a ferver para o chá, de sorte que o pavor que sentimos foi como que o experimentado pelos troianos quando lhes rebentou o cavalo dentro de casa.

Sempre ouvimos dizer que com a comida não se brinca e por isso o nosso protesto foi tal que instintivamente nos fizemos *amarelos*.

Esta coisa da dieta obrigatória é bom para doentes. Vá de dar o toque de alarme e o *Manual dos Cozinheiros* viu uma bruxa nas livrarias. Como qualquer mortal da mesma espécie também comprámos o livro e fomos até à cozinha prontos a furar a greve com uma janturada retumbante. Abrimos o livro na secção das sopas e lêmos:

*Sopa de peixe com fricassé de marisco ao natural.*

*\*Pega-se num refogado, deita-se em banho Maria, junta-se com picado de lagostins...\**

Aquilo devia de ser bom por força, mas lá o refogado, o banho Maria e o picado de lagostins é que era para nós letra morta.

Desistimos da sopa e procurámos um prato de peixe:

*Mexilhão estofado com molho de leite.*

*\*Põe-se ao lume o mexilhão albardado, em estando a ferver deita-se molho de vilão...\**

Fizámos na mesma. Molho de vilão era coisa que só conhecíamos de ouvido, enquanto ao albardado ainda nos lembrámos de comprar



uma albarda e pregar com ela em cima do mexilhão, mas não dispunhamos da caçarola suficiente.

Desistimos do peixe e fomos à carne. Aconteceu-nos o mesmo. Assado, doce, tudo metia uns *estragados* e umas cabidelas que não sabíamos fazer. Assim seguindo, chegámos até à fruta e aí é que foi a nossa desforra.

*Laranjas ao natural*

*\*Compra-se uma dúzia de laranjas e servem-se com casca e tudo.*

Fizemos a receita; comprámos um não e cantámos *Eureka!* Tinha-mos furado a greve dos cozinheiros a Pão e Laranja...





NO MESMO ESTILO...  
por FAISCA.

# A MORTE DE JULIÃO FAUSTINO

OU

## CASAMENTO E MORTALHA NO CÉU SE TALHA



VI

AUGUSTO GIL

Há quem se cance a jogar  
E a sorte nunca se expande.  
Tu jogaste um só olhar  
E apanhaste a sorte grande.

Dizem que respiram cio  
As tuas olheiras pretas.  
Eu por mim, já não me fio  
No que afirmam taboetas.

O teu seio alvinhante  
Quando começa a arfar  
Parece dizer à gente:  
—Há cama p'ra pernolhar.—

Ao velho que te deixou  
Chamavas por estribilho.  
Se estavas vestida—avó.  
E se estavas nua—filho.

Dizem que a minha vizinha  
É honesta e recatada.  
Mas sai à noite sózinha  
E vem sempre acompanhada.

Se a tua carne não chama  
Como outr'ora um bom provento,  
Vai pôr escritos na cama  
Trespassa o estabelecimento.

É como mas não faz versos de pé quebrado.  
Trata mal as mulheres de vida difícil e  
diz bem das de vida fácil.

### BREVEMENTE

O Riso da Vitória abri-  
rá um concurso de caricatu-  
ras entre todos os que se jul-  
guem com dedo para isso.



Fôra uma desgraçada lembrança  
aquela do Julião Faustino se deixar  
morrer aos estragos duma pneu-  
monia triple.

Um homem tão sério, assinante  
do *Diário de Notícias*, sócio da *As-  
sociação de Socorros Mútuos* «*Os  
pagos ou mortos*», coleccionador  
de estampilhas das colónias e tão  
amigo de chispe cosido com hortali-  
ça!

Fôra uma verdadeira catástrofe  
física, como dizia o Silva farmacêu-  
tico, a viúva D. Cândida que ficava  
inconsolável em procurar dois  
vestidos azues para mandar tingir  
de preto.

Felizmente que não ficavam fi-  
lhos. Não era por outra coisa, mas  
sim porque o Julião Faustino an-  
dava tão preocupado com a mer-  
cearia que nem se lembrava de os  
mandar vir de França. Depois,  
quando uma vez a D. Cândida lhe  
falou nisso, o Julião mostrou-lhe as  
pautas alfandegárias, disse-lhe que  
a peseta estava a seis tostões e a  
D. Cândida convenceu-se a não ir  
à estação esperar a vergoateira.

Alguns conhecidos vinham che-  
gando para passar a noite, velar o



cadáver, diziam, com medo que  
dêsse alguma allicção ao morto.

A um canto da sala, a D. Cândi-  
da embrulhada num chaile preto e  
cercada pela vizinha Gertrudes,  
(muito boa alma que logo lhe tinha  
acudido), pela D. Francelina, sua  
tia desde nascença, que já tinha en-  
viuvado três vezes, e sabia bem o  
que eram aquelas coisas, choramin-  
gava com muito sentimento:

—Ai o meu rico homem! Ai que  
não o torno mais a vêr! Ai o meu  
marido!

—Então, não chore... aconse-  
lhava a D. Gertrudes.

—Choral choral que isso alivia—  
aconselhava a D. Francelina.

—Então, choro ou não choro?

Entrando o Silvestre Harpagão, só-  
cio capitalista do morto, a viúva  
entendeu gritar:

—Ai sr. Silvestre, que grande  
desgraça!

—Que diabo!—aconselhou o Har-  
pagão, que era bruto—não é coisa  
para tanto! Homens há muitos!

Chegavam mais conhecidos e co-  
nhecidos, todos com uma cara de



grande tristeza, a fingir que tinham  
muita pena.

A um canto, o Souza do monte-  
pio, confidenciava ao Oliveira, pri-  
meiro caixeiro:

—Você vai ver que ela agora lhe  
dá sociedade!

—Não me pareces! Isto foi uma  
grande desgraça!

—Homem! mais foi para mim,  
que a esta hora tinha eu uma água  
pé à minha espera, na Póvoa, e por  
causa disto...

—Não lhe faltou nada!—ilucida-  
va a viúva à família Pinto que a  
cercava muito contristada—teve tu-  
do, médicos, remédios, cuidados...

—Não chore!... deixe lá...

—Ai o meu rico homem!...

O Cipriano, filho menor dos Pin-  
tos, de quatro anos de idade, estú-  
pido como uma porta, mas a quem  
a família achava muita graça, des-  
aoreceu por detrás dum reposteiro,  
malcreadamente.

—O D. Gertrudes, disse a D.  
Cândida, a viúva—não se esqueça  
do café para esta gente...

—Não há açúcar!

—Ai o meu rico marido! Em-  
quanto ele foi vivo nunca faltou  
nada nesta casa!

—É verdade—concordou o Sil-  
vestre Harpagão, lembrando-se da  
conta que o sócio deixava ficar na  
mercearia.

Quatro horas da manhã. Alguns  
dos que vieram velar o morto, res-  
sonam que parecem concertos sin-  
fónicos.

Num canto alguns bebem café.  
O Pinto, num dado momento cospe:

—Este café tem formigas...

É do açúcar! Cá em casa há tan-  
ta!

A D. Cândida já está mais so-  
cegada.

—Deixem-na dormir—dizem to-  
dos, para vêr se assim dormem  
também.

Dai a pouco o morto é o único  
que está acordado, porque o resto  
do pessoal fechou os olhos e dei-  
xou-se levar pelas cócegas de Mor-

feu. Todos não. O Pinto que sabe  
aproveitar as ocasiões quer por  
fôrça saber se as pernas da D. Rosa  
do quarto andar acabam tão bem  
como principiam. Já por três vezes  
que a mão sorradeira do Pinto



avança até ao joelho rolíco da D.  
Rosa.

Ela, ou dorme, ou finge tão bem  
que está a dormir, que nem dá por  
isso. O Pinto olha em volta, vê que  
tudo dorme e toma uma decisão  
heróica, agacha-se, aproxima-se da  
D. Rosa, e vai finalmente a julgar-  
se Vasco da Gama, quando da sala  
ao lado uma voz roufenta canta  
repentinamente:

O Rosa enxota o Pinto  
Enxota o Pinto...

E o Cipriano aparece, berrando:  
—O pai, olhe um gamafone!...

LUIS DE SOUSA.





# UM DRAMA NUM ANIMATOGRÁFO

Rogério Amado, era um rapaz simpático, posto que tivesse um aspecto exótico.

Fôra talhado para grandes paixões; era dado a grandes emprêzas... de transportes amorosos, inesperados e súbitos; cheio de ímpetos, de arrebatamentos. Pertencia a um grupo em que havia muitos talentos, mas poucos escudos.

Rogério Amado, nascera na Amadora, e amava há muito uma rapariga que lhe havia tornado a alma em fogo... posto que o coração se mantivesse ainda calmo e tranqüilo.

Tentára várias vezes comunicar com ela, mas a pequena (em tempos empregada dos telefones) não lhe ligava nenhuma. Ele, porém, explicava isto pela força do hábito e persistia. E assim o pobre Rogério, apesar de ser Amado, não tinha de facto a certeza de o ser.

Mas um dia ela partira a viajar, com um tio rico e ele que a amara sempre, ficára atônito, na *garra* porque não tinha com que pagar o bilhete.

Rogério Amado rugia de desespero; chegou a entrar numa casa de saúde, onde adoeceu gravemente; e ele que não era nada calculista, chegou a ter cálculos no fígado.

Rogério vivia sempre em casa dos esposos Pita que ele julgava seus padrinhos e que sempre o tinham protegido e educado. Mas uma noite, após grande revolução doméstica, o Pita desapareceu e o rapaz, então, fica a apitar...

Dias depois recebia uma carta em que lhe revelavam o segredo do seu nascimento: ele era filho da Pita, da suposta madrinha, e soube então que era filho natural, o que aliás é uma coisa naturalíssima.

O pobre Rogério cujo fígado cada vez tinha mais cálculos, ficou num estado de consternação incalculável.

Porém, um dia, Rogério teve uma grande alegria.

Um amigo que também fôra visitar, disse-lhe ter encontrado a sua Carlota, anunciava-me o seu regresso, num radiograma.

Ele ficou radiante. Lembrou-se logo duns versos que ouvira á sua Carlota e que, nesse mesmo dia, rasgára

E o que fez primeiro, foi dirigir-se num segundo á rua Iha Terceira, subir ao quarto que tinha num quinto andar, foi ao sexto dos papéis e subiu ao sétimo céu, a lêr a nove aquelas oitavas que ele escrevera num décimo b anco da lotaria.

Finalmente chegou o dia desejado, chegou Carlota, chegou o amigo do radiograma, chegou novamente o sol ao coração de Rogério.

Tornou-se, então a sombra de Carlota e por vezes, quando a bolta (muito anémica), soltava algum gemido mais plangente, a sombra do amigo que chegára é que não chegava agora para as encomendas.

Uma noite a sombra de Carlota viu-a entrar para o balcão de qualquer animatógrafo.

A sombra, isto é Rogério meditou. Inventariou todos os bolsos e apurou quatro vintens

Desesperado, ter-se-ia tornado louco, suicida, carteirista, se o amigo que chegára há tempos e que nesse momento chegava da baixa, não tivesse chegado a tempo junto do infeliz.

Foi uma alegria. Apodá-lo de anjo e pedir-lhe três toses foi obra de 4 minutos.

Entrou e pôde contemplar aqueles olhos que depois da longa ausencia lhe pareciam mais ternos, mais acolhedores. Rogério sentou-se junto d'esses olhos. Porém, a treva, repentinamente, envolveu tudo.

Decorria uma fita, muitíssimo dramática, de alguns trinta quilómetros... á hora.

Parecia tratar-se dum rapto, porque um sujeito de certa idade convencida uma donzela a penetrar num barco.

Mas a fita explicava logo, com um distico:

*Afinalmente la rapuzinha no quizo entrare nela barca...*

O que em português queria dizer que não ia no bote...

Entretanto, nas regiões interiores da 2.ª fila do balcão um pesinho bem calçado, avancara cautelosamente ao encontro doutro que estacionava tremulo a distância. O pé alvejado, teve um estremecimento: todo ele se ruborizou dentro do envólucro de vitela que o continha.

O pé provocado era o do Rogério, que nesse momento, adquirindo a certeza de que era amado de facto e de apelido e sentindo que a entrega daquêl pé, significava que ele em breve poderia possuir a mão e todos os órgãos adjacentes da sua proprietária, teve enfim uma resolução.

Pegou num lápis, e desdobrando o programa, escreveu nêl, esta declaração, breve mas eloquente, que era a síntese dos seus sentimentos e que não podia portanto deixar a joven:

*Amo-a loucamente sou pelo teu amor um louco um revolucionario civil, juizo Ando a pedir o teu olhar como uma esmola. Tenho estado preso dos seus olhos mas creia que me posso casar e boa, ganho perto de doze estudos e cinquenta centavos por dia. dá-me uma esperança e as mãos lhe beijo he logo pedir a sua mão arranjar casa e o resto Rogério*

Depois dobrou o programa e esperou:

A fita continuava a correr e um distico elucidava:

*Jozeline come ele nau venisse si foy ao conde Ricardo...*

Então Rogério decidiu-se; pegou no programa.

Mas uma velhota que estava ao

lado, muito interessada, conteve-o com estas palavras:

—Onde foi a Jozeline, que não tive tempo de lêr?

—Foi ao conde, minha senhora... e novamente decidido, rasgou ao programa a metade inútil e meteu-a numa mãosita que já o esperava.

Então, comovido, levantou-se; atravessou a fila; pisou todos os calos quetiveram a desditosa ideia de se pôr na sua frente e saiu.

Esperava nervoso, há largo tempo, quando ao pegar distraidamente no resto do programa com que ficára, reparou cheio de terror, que

ao rasgá-lo, parte das suas palavras e dos seus mais ardentes sentimentos havia-os trazido consigo.

O que teria acontecido?

Louco, fôra de si, ia correr, desfazer o engano, completar a declaração dos seus sentimentos, mas já Carlota, altiva e arrogante, saía pelo braço do tio e ao passar junto d'êl, mirrado e encolhido contra uma parede, atirou-lhe á cara com desprezo, amarfanhada, a declaração que ele lhe dera.

Então, Rogério, perdido, louco, pálido e louro, muito louro e frio, apañhou-a e leu atônito:

*Amo-a loucamente sou um louco um revolucionario civil, juizo Ando a pedir esmola. Tenho estado preso mas creia que me posso casar e boa, ganho perto de doze centavos por dia. dá-me um beijo he logo pedir a sua mão e o resto. Rogério*

AUGUSTO CUNHA.

## O RISO DA VITÓRIA

Publica toda a colaboração que lhe for enviada nas seguintes condições:

Deve ter graça.  
Ser escrita em português.  
Não ser pornográfica.  
Relativamente pequena.  
Não meter política.

Que sirva isto de aviso a todos quantos nos façam com palmices.

## AOS VATES

# CONCURSO DE VERSOS ESTÚPIDOS

Tem sido um verdadeiro successo o nosso concurso. Até á data recebemos nesta redacção cento e vinte e seis respostas, o que prova que há pelo menos cento e vinte e seis pessoas que teem a certeza que são estúpidas!

E digam agora que a literatura nacional é letra morta!

100\$00 para o quadra mais estúpida, 50\$00 para a immediata.

Poetas da minha terra!  
Porque não vindes rimar!?

Mais concorrentes:

Tu dizes que a terra anda  
Tu estás mesmo como um mongel!  
Pois então se a terra andasse  
Já estava lá muito longe!

Luis D'Avet

Numa noite de chuva e raios  
Sobre a luz dum aurco sol  
Soltava alegres trinados  
Um saudosos rouxinol.

António A. Vaz





## PERGUNTA E RESPOSTA



— Ó mamã, o que é uma mulher adúltera?  
— É a esposa d'um açambarcador que venda géneros adulterados...

Nasci há 20 anos  
Numa tarde muito fria  
Estava lá o meu pai  
A minha avó e a minha tia.

*Carlos de Sousa*

Eu qu'ria ser vaca ou boi  
Ou animal mais maior  
P'ra poder ir beber água  
Onde bebe o meu amor.

*Raki*

Um botão arremalgado  
Pá pi fô ó pá ó fi  
Admirou-se, ora contado!  
De eu me chegar para ti!

*Paula Pinto Coelho*

Malmequer da folha verde  
Não cresças no meu jardim.  
Gosto muito do Toneca  
Mas também gosto do Quim.

*Clio de Silveira*

O meu coração não tem freio  
Ele segue as formosuras  
Ele vai para onde quere  
Por causa das aventuras.

*João Colla*

C' menina não se ria  
Que está debaixo da nespereira  
O autor deste verso  
É Gregório José Pereira.

*Gonçalves de Melo*

Juraste quando partiste  
Que eu seria a tua amada  
Mas afinal que ilusão  
Não me tinhas dito nada

*Augusto Melrelles*

Passo as noites a sismar  
Naquilo que me disseste.  
Não posso acreditar  
Que partas para Budapest!

*António Vaz*

O' donzela d'olhos negros  
Olha para mim direitinha  
Teu olhar fascinador  
Sabe a pernas de galinha

*Coelho da Silva*

O meu amor foi p'ra Índia  
Quando ele voltar  
Vai casar  
Com a Armíndia

*Laura Lidia Saraiva*

Nas esteras da asneira  
Tenho vivido, voado.  
E de tanto andar no ar  
Já tenho um pé esmagado.

*Aurora Boreal*

Apanhou uma doença  
Uma certa dama  
A febre era tão grande  
Que pegou fogo á cama.

*Jose de Oliveira Cosme*

Dei um lenço ao meu amor  
P'ra ele assoar o pingó  
Gostou d'ele tanto, tanto,  
Que só se assôa ao domingo!

*Nina d'Aviz*

Os olhos do meu amor  
São branquinhos como a neve  
Até tornam branca a tinta  
No papel quando êle escreve.

*Gaspar Vieira*

Água mole em pedra dura  
Ouví dizer ao luar  
Tanto dá até que fura  
Eu então puz-me a cantar.

*Laura d'Aviz*

Do queixo tirei um dente  
Um pé meti no nariz  
Porque razão é que a gente  
Não sabe nunca o que diz?

*Vello-Vasco*

O' gaiato das mãos sujas  
Não me toques no vestido  
As penas da minha vida  
Canta-as o fado corrido.

*Alexandre de Medeiros*

Os teus cabelos donzela  
Semelham crinas de gato  
Quero-as para tecer  
Sola para o meu sapato.

*Alfredo F. Peres*

Quando ontem te vi passar  
Abraçado a duas loucas  
Ou era da minha vista  
Ou estavas a pedir poucas.

*Raul Riso*

Não podemos dar duma vez publicação a todas as quadras recebidas. Irão a pouco e pouco e cá continuamos a esperar por concorrentes estúpidos.